

AS IDEIAS DE MARX E ENGELS SOBRE O TEMA DA FILOSOFIA DA ARTE E DA ESTÉTICA

Mariane Gehlen Perin*

Resumo: O presente artigo visa esclarecer quais são as ideias sobre a arte e a estética de Marx e Engels. Porém, como os autores em questão nunca escreveram uma obra específica sobre a arte e a estética, recorro fundamentalmente a um compêndio que reúne vários fragmentos extraídos de diversas obras de Marx e Engels, nos quais o tema em questão aparece. Trata-se do livro *Cultura, arte e literatura: Textos escolhidos*, organizado postumamente pelos socialistas György Lukács e Mikhail Lifschitz. Assim, como não há uma obra específica de Marx e Engels que verse sobre suas ideias sobre arte e estética, pode-se inferir que só podemos entendê-las de acordo e em meio aos métodos e concepções gerais destes autores. Além disso, tratamos aqui brevemente de outros autores socialistas que inspirados nas ideias de Marx e Engels abordaram o tema da estética e da arte, como também, distinguimos as ideias originais de Marx e Engels destes outros autores de inspiração marxista que, contudo, não lhe são totalmente fiéis. Enfim, se distinguem dois momentos de uma “estética marxista”: uma propriamente dita que remete a Marx e Engels, outra desenvolvida na experiência efetiva do socialismo que remete a autores de inspiração marxista.

Palavras-chave: Marx e Engels. Arte e estética. “Estética marxista”. Materialismo histórico.

Considerações iniciais

Karl Marx e Friedrich Engels nunca escreveram um livro especificamente sobre estética ou filosofia da arte, embora, sabe-se que Marx, em sua maturidade, almejava escrever um ensaio sobre as suas ideias sobre Honoré de Balzac, seu escritor preferido no ramo da literatura. Esse projeto, como muitos outros, nunca saíram do reino das aspirações. Até mesmo o projeto de Marx de escrever uma obra sobre Hegel – filósofo cujo pensamento foi muito importante como inspiração e objeto de crítica para Marx – foi deixado de lado, pois, Marx dedicou muito de seu tempo a sua obra econômica.

Assim, embora Marx e Engels não tenham elaborado uma obra específica sobre estética e a filosofia da arte, é possível encontrar, no conjunto da obra desses autores, fragmentos e/ou apontamentos sobre o tema da arte e da estética. Deste modo, recorrendo às

* Graduanda no curso de Bacharelado em Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: naneg10@yahoo.com.br

diversas obras de Marx e Engels, pode-se ir mapeando as suas ideias estéticas que, como é esperado, estão de acordo com seu materialismo histórico. Nesse contexto, nas obras de tais autores, as ideias estéticas em questão, são encontradas de modo disperso e elas são fruto do emprego do método dialético e estão consoantes com a totalidade das concepções histórico-político-econômicas desses dois autores. Assim, devido aos fatos supracitados, estamos autorizados a falar em uma “estética marxista”, contudo, essa nomenclatura é possível apenas de modo retrospectivo e de um ponto de vista alheio aos próprios fundadores do materialismo histórico.

Nesse sentido o livro *Arte, cultura e literatura: Textos escolhidos*, organizado por György Lukács e Mikhail Lifschitz, constituem-se como uma boa fonte das ideias estéticas originais do marxismo, salvo a organização do livro que já reflete mais a maneira como o próprio Lifschitz concebe o marxismo. Ainda, é importante falar que a organização de tal livro apresenta pouca coesão, contudo, por ser um compêndio dos fragmentos dos textos originais de Marx e Engels – fragmentos em que os autores tratam sobre estética e arte – é que o livro em questão faz-se uma boa fonte de pesquisa sobre uma “estética marxista” quando se quer tratar da mesma partindo das fontes do marxismo. Deste modo, tal livro, será usado aqui como uma das principais fontes desta pesquisa.

No que toca o que podemos chamar de “estética marxista” veem-se dois momentos distintos que geram concepções sobre a arte e estética igualmente distintas: o primeiro momento é aquele que se refere a concepção de “estética marxista” que se pode extrair partindo das obras originais de Marx e Engels, nas quais, como já apontamos, se encontram fragmentos dispersos sobre o tema da arte e da estética e estes estão inseridos e de acordo com a totalidade das concepções e métodos marxistas; por sua vez, o segundo momento é aquele em que se encontra uma visão da “estética marxista” a partir da experiência socialista efetiva, no qual, a “estética marxista” ganha um viés mais propagandístico com Lukács, Lênin, Lifschitz, Eisenstein, Brecht, Pudovkin, Plekhanov, entre outros. Devido a esses fatos, poderia ser bastante cabível até mesmo criar uma nomenclatura distinta para o primeiro e o segundo momento: o primeiro momento poderia ser chamado simplesmente de “estética marxista” e o segundo poderia ser chamado de “estética socialista”, visto que, embora o segundo momento parta das concepções de Marx e Engels sobre a arte e a estética, acaba por criar concepções nem tão fiéis aos originais em que se baseiam, assim sendo, é mais “socialista” no sentido da experiência efetiva do socialismo no mundo, do que propriamente “marxista” no sentido de ter total fidelidade às ideias de Marx e Engels. Mas isto não tem força de uma regra, trata-se

aqui somente de uma sugestão. Pode-se falar do primeiro momento como “estética marxista” a partir do ponto de vista que se restringe as ideias de Marx e Engels sobre estética e arte, bem como pode-se falar do segundo momento como “estética marxista” a partir do ponto de vista da experiência socialista no mundo. Enfim, o importante aqui é reconhecer que há esses dois momentos da “estética marxista” e que eles possuem aspectos bastantes distintos, embora, possam constituir um todo.

1 A ‘estética marxista’ a partir de Marx e Engels

Como já foi aqui comentado, as ideias de Marx e Engels a respeito da estética e da arte, foram elaboradas de acordo e em meio ao conjunto da obra desses dois autores, deste modo, teremos que compreender um pouco dos métodos empregados por eles e as suas concepções gerais, para que possamos ter uma boa compreensão de suas ideias estéticas e de suas ideias sobre a arte.

A filosofia desenvolvida por Marx e Engels possui algumas semelhanças, bem como diferenças profundas em relação à filosofia hegeliana. Marx e Engels sem dúvida ao mesmo tempo em que se inspiram na filosofia hegeliana, viram nesse mesmo pensamento muito a ser criticado. Nesse sentido, diz Engels:

O modo discursivo de Hegel era superior ao de todos os outros filósofos pelo formidável sentido histórico que o animava. Por muito abstrata e idealista que fosse a sua forma, o desenvolvimento das suas ideias caminhava sempre em paralelo ao desenvolvimento da história universal, que era, de fato, simplesmente a pedra de toque daquele. E ainda que invertesse, pondo de cabeça para baixo, a verdadeira relação entre ambos, a sua filosofia se alimentava de conteúdo real [...] (Marx & Engels, 2012, p. 81).

Assim, no que toca as semelhanças de pensamento entre os fundadores do marxismo e Hegel, dizemos que ambos consideram que a história possui um desenvolvimento universal, uma conexão interna, ou bem, eles levam em conta o que pode ser chamado de processo unitário da história. Além disso, ambos os autores usam do método dialético. Contudo, a diferença marcante entre a filosofia deles é que, ao passo que, Hegel constrói um sistema idealista, Marx irá fundar seu sistema tendo em vistas uma base material. Assim, a forma da filosofia hegeliana era bastante abstrata e idealista, sendo que, ele concebia que o espírito é que, em última instância, determina a história universal; ao contrário, Marx quis fundar uma filosofia “concreta” e “realista”, uma vez que, concebia que toda a vida espiritual é, em última instância, determinada pela estrutura fundamental das relações econômicas de produção.

Assim, é neste sentido que dizemos que Marx possui uma concepção materialista da história, eis o materialismo histórico.

Assim sendo, dizemos que para Marx e Engels, devemos levar sempre em conta o que eles mesmos chamam de *processo unitário da história*. Sendo que, para tais autores, só existe uma única ciência unitária que é a *ciência da história* e ela deve ser estudada de acordo com o *método dialético*. O método dialético, por sua vez, deve ser usado para o estudo da ciência história, pois, ele seria o único verdadeiramente *científico e objetivo*. Além disso, segundo eles, a história universal é determinada, em última instância, segundo uma estrutura fundamental das relações econômicas de produção sob a qual se ergue uma superestrutura, em que, a estrutura fundamental e a superestrutura encontram-se em constante relações e movimentos dialéticos:

Na produção social da sua vida, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, *relações de produção* que correspondem a uma dada *fase* de desenvolvimento das suas *forças produtivas materiais*. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a *base* real sobre a qual se ergue uma *superestrutura* jurídica, política e a que correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política, espiritual em geral. *Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência.* [...] (Marx & Engels, 2012, p. 97).

Assim, pode-se notar que em relação à estrutura econômica da sociedade, a totalidade das relações de produção forma a base dessa estrutura, enquanto que, por sua vez, as formas jurídicas, políticas, religiosas, filosóficas ou artísticas, formariam a parte que se refere à superestrutura de tal estrutura. Tais formas que dissemos ser constituintes da superestrutura podem ser chamadas de formas *ideológicas*. As formas ideológicas são o meio pelo qual o homem toma consciência das relações de produção e dos conflitos que tais relações envolvem. Assim sendo, podemos notar que para Marx e Engels, a arte é um dos meios pelos quais o homem toma/forma sua consciência em relação ao mundo concreto, seja qual for a visão dessa consciência em relação à totalidade das relações de produção na totalidade da sua evolução histórica. Deste modo, isso parece querer dizer que a arte como forma de apropriação da realidade pela consciência humana pode levar o homem a ter uma visão parcial e alienada da realidade ou pode leva-lo a ter uma visão total e real da mesma. A partir disso, parece correto inferir que a arte pode contribuir para a alienação, ou bem, para a desalienação do homem.

Assim, de acordo com as ideias sobre arte e estética de Marx e Engels, Lukács¹ sugere que seria sempre cabível ao analisar uma obra de arte, lançar sempre mão de duas questões: ‘que significação possui o mundo assim como representado pelo ponto de vista da evolução da humanidade? E de que modo o artista representa um dos seus estágios, no quadro geral dessa evolução?’ (Marx & Engels, 2012, p.22).

Além disso, deve-se dizer que, segundo Marx e Engels, nem a ciência, nem a religião, nem a política, nem a arte ou a filosofia possuem uma história autônoma que resulte de sua dialética interior, isto é, desvinculada do processo histórico como um todo, o qual é determinado principalmente pelo “fato econômico”. Em outras palavras: as formas ideológicas não têm uma história ou desenvolvimento independentes da totalidade história, isto é, elas não são independentes:.

Não tem história nem desenvolvimento próprios: os homens, que desenvolvem a sua produção e o seu intercâmbio de materiais, modificam também, ao modificar a realidade, o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. No primeiro modo de consideração, parte-se da consciência como se ela fora um indivíduo vivo; no segundo, que corresponde à vida real, parte-se do indivíduo vivo e real e considera-se a consciência como sua consciência. (Marx & Engels, 2012, p. 99).

Assim, nem a arte e nem a estética são consideradas como autônomas pelo marxismo, de modo que assim, contrapõe-se a concepção kantiana da estética e da arte. Deste modo, a “estética marxista” é também anti-kantiana:

O idealismo transcendental de Immanuel Kant localiza a estética na base pré-conceitual de toda a consciência estruturada. O conhecimento depende da formação da intuição em formas perspectivas, e a estética é ao mesmo tempo intuição e um deleite nesta intuição. Então a arte, como resultado direto da intuição estética e como sua realização formal, é culturalmente autônoma. A estética marxista rejeita esta autonomia. Em algumas teorias de influência marxista, o prazer estético continua a desempenhar algum papel [como em Marx e Engels]; [...]. [...] a arte deve ser o resultado de forças sociais e culturais. Ela é um produto do trabalho sujeito às leis de sua produção. Ela nunca pode ser autônoma [...] (TOWNSEND, 2006, p.8).

Contudo, embora a concepção materialista da história priorize e defenda que a base econômica, ou seja, a base da estrutura econômica da sociedade seja o fundamento do desenvolvimento das formas ideológicas, isto é, da superestrutura da sociedade; isso não quer

¹ Aqui é usada uma citação de Lukács, pois, entende-se que ela está em total acordo com as ideias sobre a arte e a estética de Marx e Engels. Embora, saibamos que nem sempre as interpretações de Lukács, inspiradas em Marx e Engels, sejam totalmente fiéis a tais autores, no presente caso, concebemos que houve uma preservação das ideias originais dos fundadores do marxismo, deste modo, se faz cabível tal menção.

dizer que tal ponto de vista defende que a base da estrutura econômica da sociedade é a *causa* da superestrutura. Tal seria a concepção *vulgar* do marxismo. Sendo assim, Engels defende que o verdadeiro e original marxismo só diz que há todo um jogo de ações e reações entre a base econômica e a superestrutura da sociedade, isto é, há um constante processo dialético entre tais instâncias, aonde, contudo, em última instância – e somente em *última instância* – a base econômica se torna determinante ou se impõe. Assim, a base econômica atua sobre as diversas formas da superestrutura – as quais também interagem entre si – e reatuam sobre a base econômica, sendo que, como já dito anteriormente, a base econômica se imporá em última instância.

Assim sendo, podemos extrair do exposto até aqui sobre os métodos e algumas das concepções gerais da filosofia de Marx e Engels, algumas das ideias importantes deles em relação à arte. Para esses autores, a arte, bem como as outras formas ideológicas, devem ser estudadas de acordo com a perspectiva da ciência histórica. Não podemos conceber a arte como tendo uma mera história autônoma, independente do processo histórico como um todo, o qual, por sua vez, tem por base as relações econômicas de produção. Então, segundo tais autores, a arte, como superestrutura, é determinada, em última instância, pela base econômica, sem que, contudo, essas produções artísticas deixem de vir a reatuar sobre a base – e, é claro que isso se dá através de um movimento dialético. Assim, diferentes fases de desenvolvimento das forças produtivas materiais que correspondem a diferentes relações de produção, certamente, irão gerar influências distintas no âmbito das produções artísticas, isto é, diferentes etapas de desenvolvimento das forças de produção vão gerar mudanças nas produções artísticas. Enfim, o fator econômico influencia as produções artísticas. Simplificando: Todas as produções humanas são concebidas como determinadas em última instância pelo “fato econômico”, então, todo o estudo de uma das produções humanas e/ou áreas do saber devem ser tomadas tendo em vistas a economia, suas leis gerais e particulares, suas diversas fases de desenvolvimento e tudo o mais o que ela envolver.

Além disso, Marx e Engels falam que, embora o desenvolvimento da base econômica determine em última instância a superestrutura, isso não quer dizer que um alto desenvolvimento das forças produtivas materiais gere automaticamente um grandioso desenvolvimento das produções espirituais. Assim sendo, certas épocas de florescimento artístico e literário não coincidem com uma época de grande desenvolvimento geral da sociedade, nem, conseqüentemente, com a base material da sua organização – o contrário também é verdadeiro. Tanto que Marx fala que o capitalismo foi o responsável pelo maior

desenvolvimento das forças de produção material que conhecemos até então, contudo, certamente, diz ele, tal época não é propícia para o florescimento artístico. Por outro lado, diz Marx, certas criações artísticas notáveis que marcaram uma época, como por exemplo, as criações da arte grega, não podem ser reproduzidas em outras épocas em sua forma clássica, pois; tais criações insígnies só seriam possíveis em um determinado estado pouco elevado de desenvolvimento da base material da organização da sociedade, bem como em um estado pouco elevado de desenvolvimento artístico. Além disso, por mais que essas obras não possam ser reproduzidas em outras épocas, elas ainda nos proporcionam prazer estético, pois, ainda teriam para nós, sobre certos aspectos, o valor de normas e modelos inalcançáveis. Marx explica isso começando com a invocação das seguintes indagações:

Um homem não pode voltar à infância sem se tornar pueril. Mas acaso não encontra prazer na ingenuidade da infância e não deve aspirar a reproduzir, em um nível mais elevado, a sua verdade? [...] Por que a infância histórica da humanidade, ali onde alcançou o seu mais belo florescimento, numa etapa de desenvolvimento para sempre encerrada, não haveria de exercer um eterno fascínio? (Marx & Engels, 2012, p. 128).

Marx conclui dizendo:

O encanto que a sua arte [grega] exerce sobre nós não está em contradição com o débil desenvolvimento da sociedade em que floresceu. Antes, é o seu produto; de fato, está ligado indissoluvelmente ao fato de que as condições sociais insuficientemente maduras em que esta arte surgiu – as únicas em que poderia ter surgido – não podem jamais retornar (Marx & Engels, 2012, p. 129).

Além disso, Marx e Engels afirmam que:

As ideias da classe dominante são as ideias dominantes de cada época; ou, dito em outros termos, a classe que é o poder material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, o poder espiritual dominante. A classe que tem a sua disposição os meios para a produção material dispõe também dos meios para a produção espiritual e, por isso, as ideias dos que carecem dos meios necessários para a produção espiritual estão subordinados à classe dominante (Engels & Marx, 2012, p. 113).

Deste modo, as formas ideológicas, como por exemplo, as formas artísticas, costumam ser em todas as épocas produzidas pela classe dominante, bem como estão de acordo com o interesse da classe dominante. A classe dominante trataria, por exemplo, suas formas artísticas, como a única que tem validade *universal*, que é *ideal* e *absoluta*, deste modo, as trata como expressão de toda a sociedade e não mais somente de sua classe. Por sua vez, as classes que dispõem de poucos recursos de produção espiritual, quase sempre acabariam por

adotar as formas ideológicas da classe dominante, bem como, geralmente, até mesmo acabariam a conceber essas formas ideológicas como as únicas que tem validade universal. Embora, as classes à margem da classe dominante possam produzir suas formas ideológicas independentemente da classe dominante, elas nunca se tornam as mais frequentes, a não ser quando surge uma classe revolucionária. Contudo, quando há uma classe que faz uma revolução, ela aparece de antemão – pelo simples fato de contrapor-se a outra classe – não como classe, mas como representante de toda a sociedade, como a massa inteira da sociedade diante da classe dominante. Porém, no início da revolução os interesses da classe revolucionária ainda se compatibilizam com os interesses de todas as classes não dominantes, contudo, na medida em que a revolução evolui e a classe revolucionária pode definir seus interesses específicos de classe, os interesses das outras classes não dominantes acabam por ficarem de lado novamente. Assim, nessas situações de revolução – aqui se exclui a revolução socialista –, somente se beneficiam os indivíduos que podem se elevar a nova classe dominante.

Até o presente momento, tratamos aqui de mostrar as ideias sobre a arte e a estética que podemos extrair do contexto geral da filosofia de Marx e Engels, além disso, não encontramos nisso nada de normativo. Contudo, agora vamos abordar as ideias de Marx e Engels sobre arte e estética, que é claro, são desenvolvidas de acordo com o conjunto de sua obra, mas que, possuem agora um caráter prescritivo.

Segundo Marx e Engels, para o materialismo histórico a arte – enquanto uma forma ideológica – é uma das formas como o homem toma consciência do mundo ou da realidade, que existe independentemente da consciência, das ideias, das sensações, etc. dos homens. Assim, parece que é devido a essa tese que o marxismo aponta que a verdadeira e grande arte é aquela que, neste sentido, consegue reproduzir artisticamente a realidade, isto é, ser “realista”.

Assim, dizemos que, Marx e Engels defendem o “realismo” em arte, ou, mais precisamente, o “realismo socialista” ou “realismo crítico”, visto a sua específica concepção do que seja o realismo. Nesse sentido, vejamos a afirmação aonde Engels expressa sua concepção sobre a arte “realista”: ela [...] reflete com veracidade as relações reais, rompe com as ilusões convencionais que existem sobre estas, fere o otimismo pequeno burguês e fomenta dúvidas acerca da imutabilidade das bases em que repousa a ordem existente [...]’ (Marx & Engels, 2012, p. 67). Assim, vemos que na concepção de Marx e Engels, a arte “realista” *deve* representar a realidade refletindo com veracidade as relações reais, isto é,

representar a realidade de uma maneira não alienada. Além disso, podemos inferir, a partir do fragmento supracitado, que a arte “realista” *deve* mostrar que as relações de produção que correspondem a uma dada fase da evolução das forças de produção não são imutáveis, deste modo, a arte “realista” abriria espaço para pensarmos em uma transformação da realidade em prol do socialismo, ou seja, pensar que é possível a revolução socialista – revolução, que deve, evidentemente, ser conduzida pelo proletariado que tem poder para isso.

Assim, o “realismo” deve mostrar que as bases em que repousa a ordem vigente não são imutáveis, sendo assim, que é possível uma reconfiguração da mesma pela revolução socialista; ou seja, o “realismo” deve se servir do hoje e de seus problemas concretos, para que se vislumbre um amanhã de uma sociedade comunista, na qual todos poderão desenvolver seus dotes artísticos. Ora, Marx e Engels falam que, nas sociedades de classes a divisão do trabalho faz com que o talento artístico possa se desenvolver em poucos indivíduos e acaba por asfixiar os dotes da grande massa. Em contraposição a sociedade de classes: ‘Numa sociedade comunista não haverá pintores, mas, no máximo, homens que, entre outras coisas, também se ocupem com pintura’ (Marx & Engels, 2012, p.168).

Marx e Engels julgam ter descoberto o fio condutor que guia os processos históricos. Eles entendem que, nos processos de evolução histórica, há um momento histórico em que o capitalismo é necessário e ele teria que se desenvolver até o seu extremo, para que, somente assim, se pudesse evoluir ou passar para a fase do socialismo. Neste contexto, a teoria marxista, mas ainda mais, a prática da política marxista e sua respectiva arte “realista” andariam juntas rumo ao socialismo. Assim, a arte segundo o “realismo”, a prática marxista, bem como a evolução natural da história, acabariam por contribuir para o processo de evolução em direção ao socialismo, sistema econômico em que todos poderiam ser artistas, segundo o que o marxismo prevê.

Assim, é devido às características do “realismo” expostas até o presente momento que Marx e Engels não apreciavam a obra *Germinal* de Émile Zola. A obra *Germinal* tem como cena as revoltas populares dos operários das minas francesas no século XIX, devido às precárias condições de trabalho e baixíssimos salários que estes recebiam, bem como descreve o princípio das organizações políticas e sindicais dos operários. Contudo, o final da obra tem um desfecho desolador que não deixa muita esperança, pois, a revolta dos operários fracassa e eles precisam voltar a se submeter às terríveis condições de trabalho que já conheciam antes. Assim, parece que a obra não conseguiu, como seria a prescrição do “realismo socialista”, trazer esperança mostrando efetivamente que as bases em que repousam a ordem existente

não são imutáveis e assim, abrir espaço para que se vislumbre a efetividade do socialismo no mundo. Além disso, podemos entender que, para Marx e Engels, *Germinal* apenas descreveria a desoladora situação dos trabalhadores franceses de maneira crua, seria quase como que uma descrição científica da realidade, deste modo, tal descrição seria mera descrição naturalista, ao invés de “realista”.

Ainda na tentativa de elucidar o que se pode entender como “realismo” na perspectiva do marxismo, observemos a afirmação de Engels: ‘A meu juízo, além da veracidade dos detalhes, o realismo significa reproduzir caracteres típicos em circunstâncias igualmente típicas’ (Marx & Engels, 2012, p. 67). Engels parece cunhar uma boa definição de “realismo” quando fala em “reproduzir caracteres típicos em circunstâncias igualmente típicas”, contudo, quando fala “veracidade dos detalhes”, parece que isso não faz parte da melhor definição possível de “realismo”; pois, parece que Marx estraria plenamente de acordo com a primeira afirmação, mas, seria duvidoso que estive em pleno acordo com a segunda. Ora, “reproduzir caracteres típicos em circunstâncias igualmente típicas”, parece querer dizer o mesmo que, representar a realidade reproduzindo suas relações reais com veracidade. Por sua vez, parece que “a veracidade dos detalhes” não é sempre uma regra do “realismo”, ou seja, poderia estar ou não presente em uma obra “realista”, pois, sabemos que o escritor preferido e mais destacado por Marx como “realista” era Balzac, cujas obras às vezes possuíam elementos fantásticos. Mas se Balzac incluía elementos fantásticos em suas obras, porque deve ser considerado realista? Ora, porque, embora Balzac usasse de elementos fantásticos em suas obras, segundo Marx, ele era o autor que representaria com maior e mais profunda veracidade as relações reais.

Assim, parece que o “realismo” é mais uma questão de atitude do que de estilo: a arte deveria, a partir de uma perspectiva socialista, criticar as concepções burguesas que acreditam na imutabilidade da ordem estabelecida, bem como, se empenhar no elogio à classe trabalhadora no que toca o seu papel revolucionário – sempre “teologicamente”, mas nunca “tendenciosamente” –; de modo que, desde que cumpra tal papel, seu estilo não parece ser um problema relevante.

Além disso, dizemos que, o “realismo” se diferencia do naturalismo e do idealismo. Sendo que, o naturalismo seria, como diz Lukács², uma ‘mera reprodução fotográfica da superfície imediatamente perceptível do mundo exterior’ (Marx & Engels, 2012, p. 24-25), sendo que, esse tipo de representação, olhando só para a “superfície perceptível do mundo

² Idem 1.

exterior”, não conseguiria captar as relações reais. Por sua vez, o idealismo, nas palavras de Vázquez,³ ‘é aquele que, conservando a realidade humana como objeto, busca nela não o que ela é, mas o que ela deve ser, transformando as coisas para que reflitam a realidade humana embelezada, sem arestas [...]’ (Vázquez, 2011, p. 33).

Além disso, no intuito de elucidar o que entendem como “realismo”, Marx e Engels, nos fornecem alguns exemplos de autores que seriam de fato “realistas”, bem como citam exemplos de autores que não são “realistas”. Assim, eles apontam como grandes representantes da arte “realista”, por exemplo, além do já mencionado Balzac, os nomes de Rembrandt e Shakespeare. Além disso, apontam, segundo sua concepção, outros artistas menores como representantes do “realismo” também, como por exemplo, os russos Tchernichevski, Dobroliubov, Lessing e Ehrlieb, bem como alguns romancistas ingleses do século XIX, tais como Dickens, Thackeray e as senhoras Brontë e Gaskell, e ainda, destacam o nome do operário Johann Philipp Becker como sendo um excelente poeta realista. Por outro lado, criticam os artistas não “realistas”, como por exemplo, Zola, Lassalle, Schiller e o pintor Rafael. Ademais, mencionam bastante o nome de Goethe, contudo, dizem que, por vezes, este famoso escritor tem “intuições artísticas geniais” e escreve passagens “realistas”, mas, em outras ocasiões, o mesmo escreveria passagens que conteriam uma grande dose de espírito filisteu e estas mesmas passagens não seriam dotadas de “realismo”.

Além disso, Marx e Engels fazem questão de esclarecer que para eles a verdadeira arte deve ser definida em termos do já mencionado “realismo” e não da “tendência”. Para os autores a “tendência”, ou melhor, “arte de tendência” é aquela em que o artista de algum modo inscreve em sua obra a defesa do posicionamento político e social que lhe é próprio. Assim sendo, uma verdadeira obra de arte poderia ser de tendência burguesa, aristocrata ou marxista, desde que, contudo, possa ser chamada de “realista”.

Nesse sentido, Engels dá o exemplo da obra *Comédia Humana* de Balzac, a qual ele diz ser um autêntico exemplo de uma obra “realista”, contudo, de tendência aristocrata. Engels diz que Balzac é de tendência aristocrata, visto que, o autor teria expressado na sua obra em questão sua simpatia e apreço para com a classe dos aristocratas, e, além disso, o autor seria defensor da ideia de que a velha sociedade da nobreza era um modelo de excelência, sendo por isso, considerado no que toca as concepções políticas daquela época,

³ Aqui usamos uma citação de Vázquez por entender que ela expressa uma ideia sobre o idealismo em arte que é fiel a concepção de Marx e Engels sobre o que seria tal idealismo. Em suma, entende-se que a interpretação que Vázquez faz aqui do que seria o idealismo em arte para Marx e Engels são fiéis às ideias desses últimos sobre o mesmo assunto.

um legitimista. Assim, segundo Engels, a obra em questão de Balzac deve ser entendida como um permanente lamento à irremediável decomposição da sociedade da nobreza. Mas, diz Engels, ao mesmo tempo, a sátira e as ironias de Balzac nunca são tão duras como quando direcionadas aos homens que mais lhe atraem: os aristocratas. Por sua vez, as únicas pessoas de que Balzac fala sempre com franca admiração são os seus opositores republicanos:

Considero que uma das maiores vitórias do realismo, um dos traços mais valiosos do velho Balzac, é que ele se viu forçado escrever contra suas próprias simpatias de classe e preconceitos políticos [tendência], que tenha *visto* o caráter inevitável da ruína dos seus aristocratas prediletos e os tenha descrito como homens que não mereciam sorte melhor e que *visse* os homens do futuro [burgueses] precisamente onde eles encontravam (Marx & Engels, 2012, p. 69).

Assim, vimos que para Marx e Engels, o critério para estabelecer o que é uma “verdadeira”/“autêntica” obra de arte é o “realismo” e não a “tendência”. Assim, não é pelo fato de uma obra ser de tendência marxista que ela será concebida por tais autores como uma “verdadeira” obra de arte, ou bem, como uma obra “realista”. Assim, é por isso que não se viu Marx e Engels admirando, obras que fossem de mera “tendência marxista” sem possuir também “realismo”, ou seja, qualquer obra ou literatura panfletária que fosse mera propaganda do partido.

Além disso, como se pode notar a partir do exposto até aqui, os exemplos de Marx e Engels, no que toca a arte, são geralmente voltados à literatura, mas é claro que isso não exclui o valor de suas ideias sobre a arte e a estética para o conjunto total das produções artísticas. De fato, Marx e Engels estavam muito interessados em um criticismo literário, tanto que, Marx chegou a estudar sob a orientação de A. W. Schlegel, o qual foi um poeta romântico, tradutor e crítico literário. Schlegel foi um dos mais importantes poetas do romantismo alemão, contudo, embora tenha orientado Marx no que toca a crítica literária, é claro que este último não foi um dos seguidores do romantismo, até mesmo se diz que a “estética marxista” é uma reação ao romantismo. “Marx e Engels trabalharam juntos em duas importantes críticas de obras literárias contemporâneas – um romance de Eugene Sue e o drama *Franz von Sickingen* de Ferdinand Lassalle – para fazer a crítica de suas atitudes sociais, já que tais autores não atacavam de fato a raiz econômica e as causas sociais dos problemas aí apresentados” (TOWNSEND, 2006, p. 9).

Enfim, como diz Konder:

Para Marx, a produção artística não poderia ser avaliada se não a encarássemos a partir das condições históricas em que ela surge. Toda obra de arte exprime a sua

época, a sociedade particular em que ela se cria. Toda obra de arte traduz uma determinada concepção de mundo, própria de uma determinada classe social. Marx, porém, entendi que a arte jamais se reduz a sua gênese social. Como *resultado* de uma atividade *criadora* do homem, a obra de arte é sempre algo *mais* do que o mero quadro das *condições* em que ela aparece. Na medida em que ela é capaz de refletir profundamente a condição humana de uma determinada época histórica ela se eleva à universalidade e conquista o poder de manter a sua vitalidade ao longo da história, comunicando ensinamentos e emoções significativas a homens de diferentes períodos e diferentes países. (Konder, 1983, p. 118-119).

Considerações finais

Assim, as principais ideias estéticas e sobre a arte que se pode extrair a partir das origens do marxismo, isto é, a partir de Marx e Engels são as de que a arte e a estética não são disciplinas autônomas, elas sempre devem ser encaradas no contexto social e político onde se inscrevem, contexto o qual sempre é determinado pelas condições histórico-materiais. Em seu devido contexto, a arte e a estética sempre expressam certa concepção de mundo que é relativa a uma determinada classe social. As produções artísticas e as concepções estéticas, como formas ideológicas, sempre são uma das formas pela qual o homem toma/forma consciência em relação ao mundo, sendo que, essa consciência pode ser alienada ou não. A verdadeira arte então deve contribuir para que o homem rompa com suas ilusões sobre o mundo, assim, ela deve representar com veracidade as relações reais. Tal arte, capaz de representar com veracidade as relações reais e desmistificar o mundo é a arte considerada “realista”. Além disso, a arte “realista” ao romper com as ilusões deve acabar com a ideia de que as bases em quais repousa a ordem vigente são imutáveis, assim, está arte contribui para que se vislumbre que a ordem estabelecida pode ser alterada em prol do comunismo, por meio de uma revolução socialista que deve ser conduzida pelo proletariado. Além disso, se diz que, o capitalismo impossibilita que os dotes artísticos da grande massa possam ser desenvolvidos e então, a partir da revolução socialista, na efetividade da sociedade socialista todos os homens poderiam desenvolver tais dotes e ser artistas. Finalmente, embora a arte “realista” deva contribuir com o socialismo isso deve ser feito de maneira “teleológica” e não de maneira “tendenciosa”. Assim, uma obra deve ser avaliada não pela sua “tendência”, mas sim, pelo seu caráter “realista”. Por isto, não vemos Marx e Engels, elogiando, por exemplo, literatura de baixa qualidade, tal como algumas meras propagandas de partido, pois, embora estas sejam socialistas ou de “tendência” socialista, elas não seriam “realistas”.

Enfim, dadas as características das ideias sobre a arte e a estética que foram possíveis de extrair diretamente dos textos de Marx e Engels, vemos que, a concepção deles sobre o

tema em questão, pode ser bastante diferente do que seria uma “estética socialista” desenvolvida na efetividade da experiência do socialismo no mundo. A partir das ideias estéticas e sobre a arte desenvolvidas por Marx e Engels, muitas foram às formas que a “estética socialista” tomou com Lênin, Lukács, Lifschitz, Eisenstein, Pudovkin, Gramsci, Brecht, e até mesmo com Jdanov e Stalin. Essas diversas formas de “estética socialista” merecem um estudo próprio e detalhado, contudo, pode-se dizer que, de modo geral, elas não seguem fiéis ou não se limitam as ideias desenvolvidas por Marx e Engels. Por exemplo, na União Soviética, algumas dessas concepções de “estética socialista” tomam a forma da lealdade e da proposta partidária, em que, a única função da arte era fazer progredir a unidade revolucionária e se opor às reações; deste modo extremo procede Andrei Jdanov, que durante o regime de Stalin, formula uma “estética socialista” em que as bases do realismo tomam forma de uma doutrina estética que ficou conhecida como jdanovismo. Outras formulações, por sua vez, se mantinham longe da ortodoxia da estética soviética de Jdanov, como por exemplo, a de Brecht que chegou a propor um antirrealismo, dizendo que, ‘existem muitas maneiras de suprimir a verdade e muitas maneiras de enunciá-la’ (Lunn, 1986, p.94, apud Napolitano, 2011, p. 10). Enfim, se pretendeu esclarecer com este trabalho, as ideias sobre a arte e a estética de Marx e Engels, além do que, apontar que há diferenças entre essas ideias e as que vieram a se inspirar nelas, ou seja, assim mostramos que as diversas formas de “estética socialista” que se desenvolveram ao longo do tempo não podem ser consideradas como idênticas às concepções de Marx e Engels sobre a arte e a estética.

Referências

BRECHT, B. A decisão. In: BRECHT, B. **Teatro completo**. v. 3, 3. ed., Paz e Terra, p. 233-266.

GERMINAL. **Direção de Claude Berri**. França, 1993. 160 min., son., color.

KONDER, L. **Marx: Vida e Obra**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MARCONDES, D. & JAPIASSÚ, H. **Dicionário básico de filosofia**. (eds.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARX, K. & ENGELS, F. **Cultura, arte e literatura**. Textos escolhidos. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

MORA, F. J. **Dicionário de filosofia**. (ed.) Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

NAPOLITANO, M. **A relação entre arte e política:** uma introdução teórico-metodológica. Revista Temáticas, 37/38, Pós-Graduação em Sociologia, UNICAMP, (prelo), 2011.

NUNES, B. **As condições sociais da arte.** In: São Paulo: Ática, 2000, p.90-98.

O ENCOURAÇADO POTESKIN. Direção de Sergei Mikhailovich Eisenstein e Grigori Aleksandrov. Rússia, 1925. 74 min., p&b, mudo.

O FIM DE SÃO PETERSBURGO. Direção de Vsevolod Pudovkin. Rússia, 1927. 80 min., p&b, mudo.

O SOL ENGANADOR. Direção de Nikita Mikhalkov. Rússia, França, 1994. 135 min., color., son.

OUTUBRO. Direção de Sergei Mikhailovich Eisenstein e Grigori Aleksandrov. Rússia, 1927. 95 min., p&b, mudo.

TOWNSEND, D. **Historical Dictionary of aesthetics.** The Scarecrow Press, Inc., 2006.

VÁZQUEZ, S. A. **As ideias estéticas de Marx.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.